

# Multinacionais avaliam efeitos da crise política e mantêm o ajuste à recessão

por Cynthia Malta  
de São Paulo

Hoje e amanhã a diretoria da Dow Química no Brasil, multinacional com sede nos Estados Unidos, estará reunida discutindo o planejamento de seus negócios para o segundo semestre. O lucro de US\$ 20 milhões obtidos nos primeiros seis meses deste ano deverá ser motivo de comemoração, já que representa reversão quase total em relação ao prejuízo de US\$ 28 milhões registrados ao longo de 1991. Um outro tema, porém, deverá ser analisado com mais cuidado: o impacto da crise política nas atividades da empresa.

"Vamos estudar os cenários possíveis e o impacto sobre nossos negócios", observou, ontem, o vice-presidente da Dow Química, Luiz Carlos Ortolan, que coordena no Brasil as linhas de produção nos setores químico e petroquímico. Ele diz que não pode prever o resultado desse encontro de dois dias — "é um colegiado" —, mas acredita que as linhas gerais seguidas desde o final do ano passado deverão ser mantidas. Isso significa continuar operando "de maneira enxuta, vendendo normalmente".

A possibilidade de conduzir com tranquilidade um faturamento anual de US\$ 430 milhões advém da seguintes constatações: "Seja qual for o resultado dessa crise, o País não ficará à deriva." Ortolan trabalha, basicamente, com dois cenários. No primeiro, "é o mais provável", o presidente Collor permaneceria no cargo "com maiores dificuldades na área política."

No segundo cenário "poderíamos ter o Congresso analisando um pedido de impedimento, com o vice-presidente (Itamar Franco) assumindo" a Presi-

dência da República. Nos dois casos, diz Ortolan, a responsabilidade do Congresso Nacional aumenta e continuaria sendo fundamental para a recuperação da atividade econômica "a aprovação de reformas estruturais".

Ortolan cita a reforma fiscal, a alteração da administração dos portos e mudanças na legislação eleitoral como algumas das principais reformas a serem aprovadas pelos parlamentares. "Não acredito que a pauta do Brasil para a década de 90 seja mudada", afirma o empresário.

A Dow Química não é a única multinacional a discutir os efeitos da crise política em seus negócios e enviar informações diárias à matriz. A Mitsubishi Trading, com sede em Tóquio, envia resumos diários via fac-símile de notícias colhi-

das em jornais. E a Mitsui Trading, que concentra seus negócios na importação de matérias-primas industriais e exportação de insumos petroquímicos, já começou a registrar pedidos de adiamento de entregas de mercadoria. "Alguns clientes estão pedindo para segurar os navios", disse o diretor da Mitsui, Masanishi Mori. Essas duas trading companies prevêem receita de US\$ 1 bilhão, cada uma, para este ano.

Essas empresas, no entanto, não sabem precisar a dimensão dos efeitos da instabilidade política em seus negócios. "Temos agora uma crise política, mas a crise econômica já vem há 12 anos", lembra Ortolan. Mori diz que as indústrias não trabalham com estoques altos e a rapidez com que a guia de im-

portação é atualmente liberada tem feito com que o ritmo e o volume das importações caiam.

A recessão, disse o vice-presidente da Dow Química, obrigou a empresa a promover ampla reforma. "Descontinuamos a associação com a Sanbra para produzir o Mister Magic e o Splendid", lembrou, referindo-se a dois produtos de limpeza. A Dow também parou de fabricar o "Etafoan", produto químico usado para revestir pranchas de surfe, e o "Sterysoam", um tipo de isolante térmico empregado na construção civil e em frigoríficos.

Em contrapartida, Ortolan diz que as vendas de insumos químicos para a indústria farmacêutica e o setor agroquímico cresceram, tanto no volume como no valor.